

## Vozes que ocupam: mídia sonora, comunicação e direitos humanos<sup>1</sup>

Ana Gabriela Reis da Silva<sup>2</sup>  
Cladisson Rafael Pereira de Mélo<sup>3</sup>  
Gabriella Paiva Ambrósio Guimarães<sup>4</sup>  
Luis Enrique Lopes do Nascimento<sup>5</sup>  
Natália Barbosa Ribeiro<sup>6</sup>  
Giovana Borges Mesquita<sup>7</sup>  
Carolina Albuquerque Paz<sup>8</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

### Resumo

O projeto Vozes Que Ocupam se acena como uma proposta de rádio comunitária, cujos conteúdos produzidos por uma comunidade de trabalhadores sem moradia sediada no interior do estado de Pernambuco, são veiculados a partir da rede social Whatsapp. O trabalho parte do entendimento de que a Comunicação Comunitária é feita *por e para* a comunidade, como entende Peruzzo (2006). O trabalho é um relato de experiência das atividades desenvolvidas na Comunidade Severino Quirino, sediada na cidade de Caruaru-PE, que atualmente reúne cerca de 150 trabalhadores e trabalhadoras sem moradia, integrantes do Movimento Popular pela Reforma Urbana e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Ao produzir seus próprios conteúdos a comunidade exercita o direito humano à comunicação ao mesmo tempo que luta pelo direito humano à moradia.

**Palavras-chave:** Comunicação comunitária; rádio; Whatsapp; moradia; direitos humanos.

### Introdução

No Brasil, menos de dez famílias controlam as empresas de comunicação, consequentemente a veiculação de conteúdos midiáticos (FILHO, 2017). Essa concentração contribui para um processo de invisibilidade de determinados grupos sociais

1 Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

2 Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: anagabi.reis@hotmail.com.

3 Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: cladissonmelo@hotmail.com.

4 Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: gabriellaambrosiog@gmail.com.

5 Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: nrqlopes7@gmail.com.

6 Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: nat.br@live.com.

7 Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: giovanamesquita@yahoo.com.br.

8 Orientadora do trabalho. Professora do curso de Medicina do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: carolpaz07@gmail.com.

e inúmeras comunidades e acaba não dando oportunidade para a pluralidade de informações, incluindo as regionais - muitas vezes excluídas da mídia hegemônica nacional. As consequências dessa concentração é a diminuição do acesso da maioria da população à comunicação e a liberdade de expressão, na mesma medida que os interesses econômicos e políticos dessas poucas famílias que controlam a mídia são cada vez mais priorizados (FILHO, 2017).

O presente artigo tem como objetivo apresentar o projeto Vozes Que Ocupam, que se acena como um novo tipo de rádio comunitária, cujos conteúdos produzidos por uma comunidade de trabalhadores e trabalhadoras sem moradia em Caruaru, interior de Pernambuco, são veiculados, a partir da rede social WhatsApp. Ao produzir seus próprios conteúdos, a comunidade exercita o direito humano à comunicação ao mesmo tempo que luta pelo direito humano à moradia e por justiça social.

O trabalho é um relato de experiência das atividades desenvolvidas na Comunidade Severino Quirino, que atualmente reúne cerca de 150 trabalhadores e trabalhadoras sem moradia, integrantes do Movimento Popular pela Reforma Urbana e do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Além do relato de experiência, realizamos entrevistas com lideranças da comunidade, no período de outubro a dezembro de 2018.

### **Comunicação como direito humano**

O Relatório Macbride (1983), documento que fala sobre os problemas da comunicação na atualidade, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) ressalta a importância da comunicação como Direito Humano, que é desafiada mundialmente com a verticalização dos meios de informação e suas visões ideológicas.

No Brasil, a mídia está concentrada nas mãos de menos de dez famílias, o que coloca grande parte da população do país em situação de desigualdade, pois nem todos têm espaço para expressar suas vozes, necessidades e anseios nas grandes empresas de comunicação brasileiras, o que compromete a democracia. A problemática do monopólio midiático contribui para a invisibilidade de muitos cidadãos e cidadãs, deixando-os mais distante do direito humano à comunicação.

É disso que estávamos falando quando dissemos que a concentração da mídia coloca o país numa situação de desigualdade de direitos. Garantir direitos iguais a todo mundo não depende apenas de colocar isso em palavras. É preciso também oferecer a todas pessoas a oportunidade de

---

ter acesso aos meios que garantam a igualdade desses direitos (FILHO, 2017, p. 7).

Um dos caminhos para a democratização da informação é a comunicação comunitária. Uma comunicação que não visa fins lucrativos, com bases em princípios públicos e produzida coletivamente por membros de comunidades. A horizontalidade dessa forma de comunicar, feita *por* e *para* a comunidade, pode diminuir os danos causados pela invisibilidade desses sujeitos na grande mídia, e ainda contribuir para um maior exercício da cidadania.

De acordo com Peruzzo (2006), citando Vieira (2005) em seu artigo “Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária”, a comunicação comunitária amplia a formação cidadã e cultural e é:

o canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível socioeconômico e território), por meio dos qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. De ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com os temas da realidade local (VIEIRA, 2005, p.8 apud. PERUZZO, 2006, p. 9).

Se a comunicação comunitária se acena como um caminho possível para a democratização da comunicação, a rádio comunitária é a viabilização desse caminho. No Brasil, as rádios comunitárias caracterizam-se por não terem fins lucrativos e possuírem um alcance limitado. A lei 9.612/98 que regulamenta as rádios comunitárias no Brasil define-as como emissoras de cunho especial tendo como um dos objetivos levar cultura a pequenas comunidades assegurando que estas atendam às condições de:

Dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade; oferecer mecanismo à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social; prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário; contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente; permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível (BRASIL, 1998).

No Manual de orientação para rádios comunitárias, editado pela Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Rio Grande do Sul (ABRAÇO/RS), destaca-se como importantes características que as rádios devem ser:

---

Uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. [...] Deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população (ABRAÇO/RS, 2009).

De acordo com Mesquita (2018), além de todos os aspectos já mencionados, a rádio comunitária assume um papel importante como meio de “conscientização e mobilização social sobre questões relativas à vida de segmentos da população empobrecidos e discriminados socialmente” (MESQUITA, 2018).

### **A comunidade**

A Comunidade Severino Quirino, sediada na cidade de Caruaru-PE, atualmente reúne cerca de 150 trabalhadores e trabalhadoras sem moradia, integrantes do Movimento Popular pela Reforma Urbana e do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Em uma entrevista feita na comunidade pelos autores do artigo foi identificado que a maioria do grupo é formado por mulheres, com cerca de 30 jovens entre 14 e 29 anos de idade e cerca de 90 a 110 crianças.

A Ocupação Severino Quirino está situada, desde 2015, em parte de um terreno que antes pertencia ao Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes (DNIT). Em 2016, o grupo conseguiu a autorização do Governo Federal para construção de moradia popular no local. Para que as casas sejam construídas, 85 famílias que ocupavam o terreno foram realocadas e passaram a receber auxílio-aluguel, ficando apenas dez famílias para serem uma espécie de “guardiões” do terreno.

Alguns membros da ocupação participaram de formações em construção civil na Argentina e no Chile e trabalharão diretamente com a empreiteira responsável pela obra de habitação popular.

Um dos direitos sociais previstos no artigo 6º da Constituição Federal é o direito à moradia. Com o desenvolvimento das cidades, o crescimento de habitações precárias é também uma realidade cada vez mais crescente. A democratização do acesso à moradia e da estrutura social, além de políticas públicas de mobilidade urbana é o foco da luta pela reforma urbana. Em Caruaru, no Agreste pernambucano, a luta pelas ocupações da União

---

Nacional Pela Moradia Popular é representada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e pelo Movimento Pela Reforma Urbana (MPRU).

Além de lutar pelo direito à moradia, a busca pelo empoderamento feminino é bem marcante na comunidade, que tem como sua principal líder, Maria do Carmo Carvalho, conhecida pelo apelido de Do Carmo. Questões como antirracismo e a luta pela causa LGBT também são preocupações das lideranças do movimento.

### **As entrevistas**

No que diz respeito aos métodos utilizados para a construção do artigo, optamos pelo relato de experiência, que é utilizado para descrever e dar publicidade a intervenções e seus resultados, destacando a integração entre teoria e prática envolvida na intervenção. A relevância do relato está na sua pertinência e importância dos resultados que a intervenção produziu.

Além do relato de experiência, foi elaborado também um questionário com perguntas feitas às lideranças da ocupação, o reverendo Marcos Cosmo e Maria do Carmo Carvalho, conhecida na comunidade apenas pelo apelido de Do Carmo.

Nas entrevistas, um dos objetivos era saber qual era o entendimento da comunicação e seus processos, que as lideranças da comunidade possuíam. Marcos Cosmo, que é dirigente do MTST do Agreste de Pernambuco fez críticas à linguagem “academicista” dos jornais de esquerda e ressaltou a importância de um veículo de comunicação popular para chegar à periferia:

É preciso uma linguagem acessível para os trabalhadores e para os jovens, porque a falta disso é que os afastam. Um pastor com uma caixa de som e um microfone em uma comunidade chama muita gente, porque é fácil entender o que ele quer dizer (MARCOS COSMO, 2018, informação verbal).

Sobre como a comunicação é feita na ocupação, o reverendo Marcos Cosmo explica:

Quando preciso reunir as pessoas para alguma reunião, eu aviso a uma pessoa para ela ir avisando as outras, assim evita a informação ser distorcida. Nos comunicamos pelo WhatsApp também (MARCOS COSMO, 2018, informação verbal).

Além dessa comunicação diária, via o WhatsApp, a comunidade participa, pelo menos uma vez por mês, de reuniões no próprio terreno ou numa escola municipal próxima. Foi em uma dessas reuniões, que a equipe que compõe este trabalho foi

apresentada para toda a comunidade. As questões da problemática do monopólio da comunicação e as possibilidades de uma comunicação mais horizontal e participativa foram discutidas, e as duas lideranças destacaram a relevância de uma maior e melhor comunicação nessa fase de realocação dos membros da comunidade.

Nas reuniões mensais com as assistentes sociais e os dirigentes da comunidade, dúvidas sobre os prazos de início das obras do empreendimento são sempre pauta.

Nessa perspectiva de buscar uma integração maior e mais dinâmica da comunidade e visando a democratização da comunicação, a rádio via WhatsApp, volta-se para todos os membros da comunidade Severino Quirino que dispõem do aplicativo de mensagens, isto é, cerca de 90% dos moradores, veiculando informações de seus interesses, com uma linguagem popular e um formato arrojado.

### **O Whatsapp na comunidade**

O Whatsapp é um aplicativo de mensagens instantâneas, por meio do qual é possível enviar mensagem de texto, voz, imagem e arquivos. A popularização do aplicativo aumentou devido a sua facilidade no uso. Atualmente, 120 milhões de brasileiros utilizam diariamente o Whatsapp.

Mas desde que foi criado, foram incorporadas novas funcionalidades ao aplicativo, como, por exemplo, o compartilhamento de informações jornalísticas. No Brasil, 62% dos usuários utilizam o aplicativo para esse fim, segundo lugar neste ranking, atrás apenas da Finlândia (O GLOBO, 2017, ON-LINE). O conteúdo é recebido dos familiares e amigos, por meio de mensagens diretas, dando uma sensação de credibilidade para quem recebe a informação, o que favorece a popularização do aplicativo.

Inicialmente usado para comunicação mais pessoal, o Whatsapp foi ganhando novos usos, como o destacado anteriormente. Mas numa revisão bibliográfica feita pelos autores do artigo não foi encontrado registro do que se propõe a apresentar neste artigo: a criação de uma rádio comunitária cuja veiculação se dá pelo Whatsapp.

### **A rádio comunitária no Whatsapp**

Como explica Peruzzo (2010) são consideradas quatro tipos de rádio comunitária: as legalmente constituídas, as livres comunitária, as rádios de alto-falante (rádio-poste ou rádio-corneta) e as virtuais comunitárias. As duas primeiras transmitem em frequência

---

modulada (FM) de baixa potência, enquanto que as rádio-poste transmitem através de alto-falantes ou de caixas amplificadoras de sons e as virtuais comunitárias transmitem suas mensagens a partir de um site ou portal na internet.

A rádio no Whatsapp, não prevista nessa caracterização de Peruzzo (2010), tampouco de outros autores da comunicação, acena-se como uma iniciativa inovadora na comunicação comunitária, uma vez que pode diminuir o problema enfrentado pelas comunidades com relação a compra de equipamentos, uma vez que possui um baixo investimento econômico. A produção de conteúdo, edição e veiculação podem ser feitas com a utilização apenas de um aparelho celular com acesso à internet. Outro aspecto bastante relevante é que esse tipo de rádio não necessita de concessão governamental para funcionamento, hoje um dos grandes entraves para a abertura de rádios comunitárias no país.

Soma-se a esses dois pontos fortes, a facilidade do envio de áudio e a possibilidade de que esse conteúdo ultrapasse barreiras territoriais, levando diversas lutas sociais para longínquos lugares do mundo. Ela ainda se diferencia da virtual comunitária, porque não precisa que a comunidade desenvolva um site e ou portal para funcionar. Assim, a rádio comunitária pelo Whatsapp surge como uma possibilidade de trabalhar uma comunicação horizontal e democrática na comunidade.

A ideia da rádio Vozes Que Ocupam surgiu também da facilidade que esse veículo pode ter de fazer circular as informações de interesse da comunidade de uma maneira rápida e acessível. A escolha do meio de comunicação para a comunidade Severino Quirino levou em conta a necessidade de uma comunicação mais direta e horizontal, para que haja sempre um entendimento fácil do andamento dos processos pelo direito à moradia e de outros assuntos de interesse dos ocupantes. A principal forma de comunicação interna da comunidade, além da oralidade, são os grupos no aplicativo de mensagens WhatsApp, com convites para reuniões e compartilhamento de notícias.

Dessa forma, a rádio, por sua linguagem fácil e que incentive a participação de todas e todos os ocupantes, foi pensada como uma estratégia de, quinzenalmente, reunir os informes relevantes para a comunidade, além de assuntos que incitem o debate.

Para a efetivação da rádio, os estudantes do curso de Comunicação Social da UFPE ofereceram oficinas de produção de conteúdo sonoro para rádio Whatsapp. A equipe de estudantes facilitou as oficinas com a participação da comunidade na construção do formato da rádio, nas temáticas para discussão e no conteúdo a ser



propagado. Na oficina de cinco horas divididas em dois encontros, foram apresentadas noções básicas de comunicação e de comunicação comunitária, tal como sua importância e papel contra-hegemônico. Assim como os conceitos de promoção da saúde, por entender que a comunidade em questão já trabalha amplamente estes conceitos. O direito a moradia é um dos pré-requisitos para saúde, como citado na Carta de Ottawa, documento apresentado na Primeira Conferência de Saúde da ONU, em 1986. Discutir o tema é uma forma de potencializar o que a comunidade tem de mais forte. A partir da capacitação, foi definida a grade de programação, composta por informes, anúncios, receitas, dicas de saúde, dicas de alimentação e o quadro “Conte sua história”. Em grupos já definidos pela própria comunidade, a construção do script, gravação da entrevista e do programa foram realizados.

O programa-piloto foi finalizado com a seguinte composição: informes sobre questões de logística sobre a ocupação, anúncios sobre prestação de serviço de membros da comunidade, receita, dica de saúde com a receita de óleo de coco caseiro e o “Conte sua história”, uma entrevista com a líder da ocupação Maria Do Carmo, que em um relato emocionante, conta como foi dia da ocupação do terreno onde a comunidade vive.

O tempo do programa-piloto, contando com vinhetas e apresentação, totalizou cinco minutos. O projeto foi desenvolvido de forma totalmente colaborativa e voluntária.

### **Considerações finais**

O presente artigo teve como objetivo apresentar o projeto Vozes Que Ocupam, que se acena como um novo tipo de rádio comunitária, cujos conteúdos produzidos por uma comunidade de trabalhadores e trabalhadoras sem moradia em Caruaru, interior de Pernambuco, são veiculados, a partir da rede social WhatsApp.

Ao produzir seus próprios conteúdos, a comunidade exercita o direito humano à comunicação ao mesmo tempo que luta pelo direito humano à moradia e por justiça social.

Depois de implementada a rádio comunitária via Whatsapp a expectativa é que a comunidade assuma a missão de construir a, partir da comunicação comunitária, a própria narrativa da Ocupação Severino Quirino. Esse processo foi pensado para que a comunicação incorpore as demandas da comunidade, atualizando, informando e estimulando debates sobre problemas e potencialidades da comunidade, ao mesmo tempo



---

que dê visibilidade às pautas construídas por ela, sempre prezando por uma comunicação livre, construída e baseada em princípios que garantam a igualdade de direitos.

Toda a constituição da rádio Vozes que Ocupam, da comunidade Severino Quirino, foi pensando uma comunicação comunitário que buscasse o estímulo a produção cultural local, ao convívio social e a integração da comunidade.

## Referências

ABRAÇO RS. Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Rio Grande do Sul. **Manual de orientação para rádios comunitárias**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: < <http://www.abracors.org.br/>> Acesso em: 31 de março de 2019.

BRASIL. Lei Nº 9.612/98 de 19 de fevereiro de 1998. **Lei de radiodifusão comunitária**. Art.3º. Diário Oficial, Brasília, DF, 19 de fevereiro de 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Carta de Ottawa**. Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa, Canadá; 1986. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf)> Acesso em: 31 de março de 2019.

BRASIL, registra segundo maior índice de confiança na mídia. O Globo. Rio de Janeiro, 28 ago. 2017. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/economia/brazil-registra-segundo-maior-indice-deconfianca-na-midia-21532738>> Acesso em: 4 abril 2019.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, Editora UFPR, 2004.

FILHO, Ivan Moraes. **Manual prático (muito prático mesmo) do direito humano à comunicação**. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

MACBRIDE, Seán. **Relatório MacBride**. UNESCO, 1983.

MESQUITA, Giovana Borges. **Rádio Comunitária e povos indígenas: entraves e potencialidades para pluralidade de vozes**. Revista Interterritórios Caruaru, v.4, n.7, p. 76, 2018.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Editora Atlas, p. 125-145, 2005.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Rádio comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 13, n. 30, p. 115-125, 2006.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Brasília: Trabalho apresentado ao Núcleo de

---

Pesquisa “Comunicação para Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.